

## De representações a estereótipos: os círculos de resignificação de sentidos sobre as mulheres negras em “Malhação: Viva a Diferença”<sup>1</sup>

Olívia PILAR<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a constituição e resignificação das representações das mulheres negras a partir de uma telenovela. Para isso, revisitamos o modelo praxiológico da comunicação, bem como sua base pragmatista. Apresentamos também os conceitos de representação, a partir dos Estudos Culturais com ênfase em Stuart Hall, de estereótipo e as noções do que são as mulheres negras apontadas pela filósofa Lélia Gonzalez — um imaginário coletivo que reduz essas à mulata, à empregada doméstica e à mãe preta. Em seguida, a partir da análise de três personagens de *Malhação: Viva a diferença*, refletimos sobre o ciclo de resignificações — de representações a estereótipos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipos; Malhação; mulheres negras; representação; telenovelas.

### Introdução

Em tempos em que se é muito discutido sobre a participação dos meios de comunicação nos debates contemporâneos, tem se refletido com frequência sobre qual é o papel das diversas representações midiáticas — desde a representação do amor até a representação de grupos sociais, como mulheres negras, e projetos emancipatórios, como o feminismo. Nossa inquietação se localiza nessa discussão e tenta entender como essas representações são de fato constituídas em uma prática comunicativa e como elas assumem diversas resignificações. Nesse sentido, formulamos o problema de pesquisa que guiará este trabalho assim: *através da análise das mulheres negras da telenovela “Malhação: Viva a diferença”, como podemos apreender a resignificação das representações das mulheres negras como prática comunicativa?*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo é fruto de reflexões desenvolvidas na disciplina de Teorias da Comunicação do PPGCOM – UFMG, ministrada pela professora Paula Guimarães Simões

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). E-mail: oliviapilarsouza@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

---

A nossa análise se dará a partir de uma telenovela, objeto que acreditamos ser privilegiado para se pensar as práticas comunicativas, já que a telenovela apresenta em seu enredo uma aproximação com a sociedade em que está inserida “trazendo para a construção das personagens as preocupações, os valores e os temas que perpassam o cotidiano dos telespectadores” (SIMÕES; FRANÇA, 2007, p.53). Entendemos que essa inquietação, trabalhada por meio desse objeto, tem relevância por nos apresentar os novos sentidos que são produzidos a partir das representações e qual seria o papel social que esses sentidos carregam.

Conforme dissemos, o objetivo principal deste artigo é responder a nossa principal pergunta: *como as representações são construídas e resignificadas a partir da comunicação?* Entretanto, esse artigo se filia em nossa pesquisa de mestrado que tenta encontrar respostas para outras inquietações, são elas: Qual é o modelo de comunicação ao qual nos filiamos atualmente? Quais são as bases teóricas desse modelo? Como, a partir desse modelo e das suas bases, as representações são constituídas? Qual é o conceito de representação? Quais seriam os nomes dados para os novos sentidos das representações? São essas inquietações teóricas que vão orientar a leitura da telenovela, embora saibamos que as repostas ultrapassam esse meio.

Assim, nosso artigo será dividido em seis partes: (1) O ato de comunicar para Quéré: modelo praxiológico da comunicação, (2) A base pragmatista: Escola de Chicago, (3) As representações, (4) As representações das mulheres negras, (5) Análise para verificar se as personagens constituem as representações da mulher negra segundo Lélia Gonzalez, e (6) Considerações finais.

### **O ato de comunicar para Quéré: modelo praxiológico da comunicação**

Para entender o modelo praxiológico da comunicação nos princípios elencados por Louis Quéré, se faz importante primeiro nos aproximarmos do que seria necessário para uma abordagem comunicacional. Para o sociólogo, a comunicação como um conceito, precisa entender a organização social e as relações sociais, sendo necessário um esquema que compreenda os conceitos, metodologias, problemas e reflexões. Nesse sentido, esse esquema possui uma abordagem comunicacional quando entende a comunicação como “às práticas por meio dos quais os membros de uma coletividade dão forma e sentido a suas interações com o mundo e os outros” (QUÉRÉ, 2018, p.16).

---

Ou seja, um esquema comunicacional, para Quéré, se dá por meio das nossas relações sociais, das nossas interações com outros sujeitos e com as coisas do mundo. A comunicação é abordada, então, como um lugar da constituição social dos fenômenos.

Para fazer esse contraponto de como deve ser uma abordagem comunicacional, Quéré parte de outro modelo: o epistemológico. Nesse esquema, a comunicação é vista como uma prática de transferência de informação, de conhecimento. Um paradigma que, de certa forma, limita o campo, pois entende que há uma transação comunicacional apenas quando, a partir de uma intenção, o comunicador transmite ao seu destinatário representações similares às dele. Isto é, nesse modelo epistemológico, os sujeitos são monológicos, “dotados de estados internos e de representações mentais, que não se relacionam com o mundo e os outros a não ser a partir de uma postura de observação e objetivação” (QUÉRÉ, 2018, p.20).

Se, para o modelo epistemológico, o mundo é predefinido e a linguagem é apenas um meio pelo qual se criam representações, para o modelo praxiológico da comunicação, essas particularidades são diferentes. Esse esquema entende que a comunicação é uma atividade em que há a construção de um mundo comum e partilhado, e a linguagem passa a ser fundamental para que a comunicação aconteça. Para que os sujeitos integrantes de uma ação se comuniquem, é necessário que compreendam a linguagem ali inserida, as atividades sociais das quais é parte integrante, compreendam “aquilo que articula as práticas, as orientações e as relações das pessoas em uma ‘forma de vida’” (QUÉRÉ, 2018, p.26).

Em síntese, o modelo praxiológico da comunicação entende que o processo comunicacional se dá por meio da interação dos sujeitos envolvidos, em que eles constroem um mundo comum e partilhado, e ambos são afetados por essa interação. A linguagem, por sua vez, tem um caráter principal nessa abordagem, pois é por meio dela que a comunicação acontece. Esse modelo tem base em alguns estudos que ficaram bastante conhecidos no campo, como os estudos da Escola de Chicago, que revisitaremos brevemente a seguir.

### **A base pragmatista: Escola de Chicago**

A base pragmatista alicerça os estudos da chamada Escola de Chicago, que se baseiam em pesquisas que buscaram compreender as práticas sociais e as relações entre

---

sujeitos como fundamentais para determinados fenômenos. Neste artigo, filiaremos-nos à pesquisa de Pogrebinski (2005), que em seu texto, *A matriz filosófica do pragmatismo*, revisitou os estudos dos pesquisadores Charles S. Peirce, William James e John Dewey. Para ela, nesses autores, se encontra todo o núcleo teórico do pragmatismo: se Peirce deu o nome e trouxe as características principais, James desenvolveu a teoria e a apresentou ao mundo e John Dewey, por sua vez, foi o responsável pelo desenvolvimento dos seus inúmeros desdobramentos.

Apesar das peculiaridades de cada pesquisador, o pragmatismo apresenta orientações filosóficas compartilhadas, como: rejeição a dualismos, afastamento da metafísica (filosofia que busca a essência do ser), rejeição ao idealismo e ao nominalismo (como os indivíduos nomeiam as coisas), e a proximidade com o realismo. Ou seja, em suas características gerais, esse pensamento possui um núcleo comum que, segundo Pogrebinski (2005), pode ser definido como: o antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo, que detalharemos agora.

O antifundacionalismo rejeita qualquer fundação pré-estabelecida ou verdades definitivas, é a parte pragmatista que critica as entidades metafísicas, os conceitos abstratos, entre outros. Os pragmatistas negam, então, que os pensamentos tenham uma característica “estática, perpétua, imutável” (POGREBINSCHI, 2005, p.26). Para além dessas características, o antifundacionalismo recusa as bases filosóficas que apresentam os conceitos de verdade e realidade e busca um novo método, no qual a verdade aconteceria em determinadas situações e as ideias não são pré-determinadas, mas sim resultados de uma experiência. O antifundacionalismo pode ser visto como uma característica do modelo praxiológico da comunicação ao negar que as partes integrantes de uma interação estejam pré-estabelecidas, pois elas se constituem nessa relação.

O consequencialismo, por sua vez, trata da forma temporal em que o pragmatista olha para suas pesquisas, ou seja, para esses intelectuais, é preciso pensar nas consequências e os desdobramentos de uma ação, não para seu passado. Olhar para o passado passa a ser importante quando ele influencia nessas consequências, nesse futuro (POGREBINSCHI, 2005). Para os pragmatistas, é importante olhar para as práticas, para as ações e para os seus efeitos. Assim, sua conexão com o modelo praxiológico se dá a partir do pensamento de que a comunicação não só acontece em uma interação,

---

como seus desdobramentos influenciam os participantes daquela ação. Para se estudar a comunicação, é importante, portanto, olhar para a ação e suas consequências.

No contextualismo, os pragmatistas ressaltam a importância de se analisar o contexto em que aquela ação acontece, ou seja, para eles, o contexto é fundamental para se compreender o desenvolvimento de determinado objeto a ser investigado. Essa característica busca considerar “às crenças políticas, religiosas, científicas, enfim, à cultura da sociedade e às relações que mantém com as instituições e práticas sociais” (POGREBINSCHI, 2005, p.49). Assim, a relação do contextualismo com os processos comunicativos se dá na ênfase da presença do contexto em determinada interação.

Para além das características apresentadas pelos pragmatistas citados, outros teóricos também constituem a base do modelo praxiológico da comunicação, destacaremos: George Herbert Mead.

### **Mead e suas contribuições**

Mead fez parte da primeira geração da Escola de Chicago e sua obra foi marcada pela análise do *ato completo*. Isto é, em seu trabalho, ele buscava olhar para a dimensão interativa dos atos, apontando a existência de três eixos: a sociedade, o self e a mente. A sociedade é um conjunto de atividades compartilhadas entre os membros; o self é constituído na relação com o outro e surge na experiência social, ele orienta e avalia a ação e é composto pelo “eu” (eu mesmo, singular e particular) e o “mim” (modo como internalizamos o outro generalizado, as expectativas sociais internalizadas); por fim, a mente seria a inteligência reflexiva, em que acontece a avaliação entre o “eu” e o “mim” (FRANÇA, 2008).

Outra contribuição trazida por Mead é seu conceito de gesto significativo. O gesto é aquilo que marca o início de um ato social, o gesto significativo, por sua vez, é quando, no ato, existe um caráter interativo, em que os participantes sofrem uma mútua afetação. Existe comunicação quando esses gestos trazem um sentido partilhado por aqueles indivíduos envolvidos na ação e fazem parte de uma linguagem (FRANÇA, 2008).

A partir desse apanhado teórico, compreendemos que a comunicação não é apenas a transferência de símbolos, de conhecimento, é também um gesto significativo,

---

pois tem um caráter interativo que cria um mundo partilhado e comum, fundamento das representações, as quais são centrais neste trabalho e veremos a seguir.

### **As representações**

Agora que temos a base conceitual do modelo praxiológico da comunicação, se faz necessário, antes de apresentarmos nosso objeto, abordarmos o conceito de representação a partir dos Estudos Culturais, em específico do autor Stuart Hall (2016); que vem sendo amplamente estudado pelo Campo e sob o qual se assenta uma das nossas justificativas para analisar uma telenovela. Segundo o autor, “representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p.31), ou seja, a representação acontece quando algo é utilizado para substituir outro algo, e isso só recebe um significado quando utilizamos a linguagem — em um sentido amplo, como textos, fotografias etc. Como observado por França (2004), Simões (2010) e Hall (2016), as representações estão inclusas na vida cotidiana.

Ora, se as representações envolvem o uso da linguagem, o sentido que nós damos a essas descrições e a interação entre sujeitos, elas apenas podem existir em uma prática comunicativa, como mostramos nos tópicos anteriores. Assim, nossa primeira pergunta — *como as representações são construídas a partir da comunicação?*— já pode ser respondida. A partir da base teórica apresentada, entendemos que, como um ato comunicativo, as representações constroem um mundo compartilhado e comum entre os integrantes da interação, sendo este não pré-definido (antifundacionalismo); nesse processo, há uma afetação em ambos os interlocutores, trazendo desdobramentos e consequências (consequencialismo); e elas somente se tornam uma representação inteligível dentro de um contexto (contextualismo). Portanto, entendemos que as representações são constituídas a partir da comunicação, pois partem de uma interação.

Diante disso, passamos, então, para o aprofundamento das nossas inquietações: *como as representações são ressignificadas a partir da comunicação?*

### **A mulata, a doméstica e a mãe preta: representações das mulheres negras**

---

Se as representações são constituídas a partir de uma prática comunicativa, como abordamos, entendemos que as ressignificações dessas representações também precisam acontecer por meio da comunicação. Mas como? Para entender melhor iremos nos filiar à pesquisa de Lélia Gonzalez (1984), intelectual negra, na qual ela aponta as três principais noções<sup>3</sup> — ideias — sobre a mulher negra que estariam presentes no imaginário da sociedade brasileira: “a mulata, a doméstica e a mãe preta”. Gonzalez não afirma que essas noções são caracterizadas como representações, mas, a partir do momento em que elas são abordadas por meios e processos comunicativos (como, as telenovelas, por exemplo), passam a ser representações das mulheres negras.

Para a pesquisadora, as noções de mulata e empregada doméstica derivam da função de “mucama”, da época da escravidão. Ela era a mulher negra que era escravizada e que tinha como afazeres as prestações de serviço para os senhores — desde os “serviços” sexuais aos serviços domésticos. Na atualidade, a mulata passa a ser a mulher negra hiperssexualizada, criada pelo imaginário da branquitude como uma pessoa que existe para suprir as necessidades sexuais e é valorizada pelos seus atributos físicos. A empregada doméstica, por sua vez, é a mulher negra que está a serviço dos seus empregadores, inserida no cotidiano das famílias. Já a noção de mãe preta é o ser dotado de amor e dedicação total aos filhos dos seus empregadores, são as babás ou empregadas domésticas que passam a ser vistas como figura maternas, mas que no fundo continuam estando a serviço.

Então, como as mulheres negras passaram da representação social de um sujeito para essas noções apontadas por Lélia? Nossa hipótese principal é a de que a noção da mulher negra tenha passado por um processo de ressignificação, que envolve, principalmente, o racismo estrutural da sociedade brasileira. Entendemos que a representação em si não possui um caráter positivo ou negativo, mas que essas características valorativas são postas quando as representações são construídas e circulam, ao mesmo tempo em que circulam e são construídas, como aponta Hall (2016).

É nesse processo que a mídia aparece como um integrante fundamental para essa construção e circulação de sentidos sobre a representação. No modelo praxiológico da comunicação, entendemos que os sentidos produzidos pela mídia possuem um caráter

---

<sup>3</sup> Embora negligenciados, os estudos de Lélia Gonzalez abordavam as formas de opressão que incidem sobre as mulheres negras. Graduada em História, Geografia e Filosofia, cursou mestrado em Comunicação e doutorado Antropologia Política (RATTS; RIOS, 2010).

---

contextual e uma construção em conjunto com a sociedade em que ela está inserida. Assim, se as representações sofrem uma ressignificação, esse novo sentido possui uma construção conjunta entre mídia e sociedade, que pode aceitar e reproduzir, e fazer esse novo sentido circular. Nessa dinâmica, noções como a de que as mulheres negras se resumem a mulatas, a empregadas domésticas e a mães pretas, continuam sendo reproduzidas em um constante devir.

Esse modelo que reduz grupos sociais a algumas poucas características e que colocam essas características como naturalizadas é o que Hall (2016) chama de estereótipos. Esses, por sua vez, como aponta o sociólogo, mesmo quando possuem um caráter positivo (a noção da mãe preta, por exemplo), tem um objetivo negativo, pois reduzem um sujeito e, portanto, um grupo social, àquelas poucas características. Os estereótipos também possuem relação direta com a manutenção do poder, como ressalta Hall (2016), pois eles são construídos sobre aqueles que não possuem formas de ressignificar as representações de outra maneira. Portanto, os estereótipos são uma das formas de ressignificar as representações.

Dessa forma, a mulata, a doméstica e a mãe preta são representações que ganharam sentidos negativos através da prática comunicativa. A partir dessas interlocuções dos conceitos, nossa segunda pergunta — *como as representações são ressignificadas a partir da comunicação?* — já pode, então, ser respondida: as representações são ressignificadas a partir da construção e circulação de sentidos que ocorrem em uma interação, tendo no contexto social sua principal base.

### **Da representação aos estereótipos – as mulheres negras em *Malhação: Viva a diferença***

Até aqui respondemos algumas perguntas que situaram nosso trabalho no campo Comunicação. Ao longo desse caminho, uma questão surgiu: os estereótipos são o final de um processo de significação ou eles também podem ser ressignificados? A princípio, sim, pois nenhuma representação é estática. Mas em uma sociedade em que as mulheres negras estão na base da pirâmide social, essa questão se torna complicada. Partimos, então, para uma análise empírica para responder nosso problema de pesquisa original e também entender se a mídia pode contribuir para a construção e circulação de novos



---

sentidos sobre representações negativas das mulheres negras, tendo como objeto de estudo a 25ª temporada do seriado *Malhação*, transmitida entre 2017 e 2018.

Em um resumo breve, nessa temporada de *Malhação*, o enredo, ao contrário de outras edições, possui cinco protagonistas e se passa, pela primeira vez, na cidade de São Paulo. São garotas que estão no ensino médio, sendo três estudantes de escola pública e duas de escola particular. Elas se encontram quando todas estão no vagão do metrô e uma das personagens dá a luz. Dirigida por Paulo Silvestrini e escrita por Cao Hamburger, *Malhação: Viva a diferença*, recebeu o prêmio de melhor série no Emmy Internacional Kids em 2018<sup>4</sup>, tendo como fio condutor da sua narrativa a valorização da diversidade e da amizade.

Para fins metodológicos, delimitamos nossa pesquisa em três personagens de um total de cinco mulheres negras que compõem o enredo: Ellen, Nena e Das Dores. Respectivamente: filha, mãe e avó, sendo Ellen uma das protagonistas da edição. Analisaremos os primeiros 14 capítulos e os últimos 14 capítulos da temporada. Nos apropriamos da noção de enquadramento de Goffman<sup>5</sup> (2012) para reconstituir os quadros de sentidos enunciados na composição das histórias dessas personagens e, assim, responder nossos questionamentos. Nossos procedimentos metodológicos estão divididos em: (1) Apresentação das personagens, (2) Identificação de quais sentidos suas histórias revelam e (3) Verificação se esses sentidos se configuram como estereótipos a partir dos apontamentos de Lélia Gonzalez.

## **Análise**

### **Eixo 1 Apresentação: quem são essas personagens?**

Neste primeiro eixo, apresentamos as primeiras aparições das três personagens, como forma de entender qual seria o propósito de seus enredos. Ellen, como uma das protagonistas da edição, aparece no primeiro capítulo na cozinha de sua casa, vestida com o que parece ser um uniforme escolar, enquanto a tv ao fundo fala sobre um possível alagamento na cidade. Ela pede benção a avó e a escuta falar sobre a sexta-feira

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://glo.bo/2wM2Jnv>>. Acesso em: 09 jun. 2019

<sup>5</sup> Enquadramento é a operacionalização da base teórica de Goffman (2012), que visa localizar os quadros de sentidos de cada interação. Segundo o autor, para encontrar os sentidos de cada interação é preciso que o interlocutor questione “o que está acontecendo ali?” a esses quadros. A essa dinâmica, Goffman (2012) dá o nome de enquadramento.

13. Elas conversam sobre a mãe de Ellen, quando o irmão da garota entra em cena. Na cena seguinte, Ellen aparece tirando um celular escondido na casa, enquanto o irmão a observa. Ele fala para ela “ficar esperta porque já foi pega”, Ellen diz que sabe disso e vai embora.

Das Dores, como apontado anteriormente, aparece no capítulo um em cena com Ellen e Anderson (irmão de Ellen). Na cena, ela desliga a televisão que informava a previsão do tempo e acende algumas velas dizendo que “é melhor garantir porque é sexta-feira 13” — demonstrando como ela é supersticiosa e religiosa. Depois, Das Dores retira algumas coxinhas do forno e diz que a mãe de Ellen voltaria do plantão naquele dia, mas isso ainda dependeria da chuva. Ela coloca mais coxinhas para assar, enquanto Ellen reclama da mãe, e Das Dores diz que ela está sendo injusta. Anderson entra em cena dando “bom dia”. Das Dores serve café à Ellen e diz para o neto não ir trabalhar por causa da chuva; e ele fala que está protegido, mostrando sua guia — símbolo de uma religião de matriz africana — no pescoço.

Nena tem sua primeira aparição apenas no capítulo dois. Na cena, ela atende o celular no hospital, usando vestes de enfermeira — o que dá a entender que aquele é o seu local de trabalho —, e escuta sua mãe falar sobre Ellen estar na televisão. Nena pergunta o que aconteceu.

Assim, nossa investigação mostrou que Ellen está presente nos 14 capítulos iniciais, Nena está em quatro e Das Dores está em sete.

## **Eixo 2 Identificação: quais sentidos suas histórias revelam?**

No segundo capítulo, entendemos que o enredo principal da história de Ellen é sua facilidade com computadores. Ellen tem um encontro com a diretora de sua escola (Dóris), em que descobrimos que a garota está de “castigo” e que não poderia ter acessado uma rede ilegalmente para ajudar Keyla, pois teria invadido a sala da diretora e alterado a nota do irmão. Dóris fala que Ellen quer ser heroína, mas que não é assim que as coisas funcionam e que ela não pode cometer crimes. Ellen diz que entendeu, e Dóris afirma que se ela mantiver a promessa de só usar os computadores como uma pessoa normal, sem ser a Ladykiller (seu nome de hacker), vai pensar em retirar o castigo. Dóris também diz que a Ladykiller morreu, o que Ellen promete. Assim, *o principal sentido revelado pelo enredo de Ellen é de que ela é uma adolescente muito*

---

*inteligente, com talento para programação e capacidade para ser uma hacker. Uma segunda parte da história de Ellen é seu relacionamento com a mãe, que seria ausente. E outro “braço” de seu enredo é o relacionamento de Ellen com Fio e Jota, dois personagens da temporada. Fio é amigo de seu irmão e estudante do Cora Coralina (escola pública em que Ellen estuda no começo da temporada); Jota, por sua vez, estuda no Colégio Grupo (escola particular) e se aproxima de Ellen por ser amigo de Tina, outra protagonista. Ellen parece ter dificuldade de demonstrar afeto e esse é um ponto importante da sua construção.*

Nena é a que menos está presente nos capítulos iniciais. Depois da primeira aparição, ela retorna em três capítulos. No terceiro capítulo, Nena e Das Dores, estão em uma reunião com os diretores das escolas em que as protagonistas estudam. E nos capítulos seguintes, Nena ajuda e aconselha Ellen com um problema no colégio. No capítulo 12, elas têm uma conversa no hospital em que Nena trabalha e, novamente, a ausência dela é o tópico. Nena justifica sua pouca presença em casa como uma forma de “dar uma vida melhor aos filhos”, assim como sua mãe, Das Dores, tinha lhe proporcionado. No capítulo 14, Nena vai até a escola de Ellen para conversar com a diretora e mostrar os motivos da garota “ter tanta raiva no coração”, conforme a personagem diz. Na conversa, Nena conta a história da família — em que seu marido foi assassinado por estar em local e hora errados. Assim, a partir desses poucos capítulos iniciais, entendemos que o *principal sentido revelado pelo enredo principal de Nena é sua ausência em casa e o tempo que ela dedica ao trabalho, atuando como enfermeira.*

Das Dores aparece em todos os capítulos iniciais acompanhada de um familiar. Em três cenas, ela aparece dando conselhos, sendo carinhosa e atenta com a neta. O tópico principal das conversas das duas é a ausência de Nena, sempre justificada por Das Dores como uma forma de ela buscar um futuro melhor para os filhos. Em um capítulo, Ellen afirma que a avó foi faxineira a vida toda, então entendemos que ela está aposentada dessa profissão e, como aparece colocando e retirando grandes quantidades de coxinhas do forno, acreditamos que Das Dores é cozinheira e revendedora desses salgados. *O principal sentido revelado pelo enredo de Das Dores parece ser sua presença forte na vida dos familiares, sendo sempre uma pessoa receptiva para os problemas dos netos.*

---

Analisando os últimos capítulos, entendemos que a história de Ellen se desenrolou em diversas camadas. Ela passou a estudar no Colégio Grupo, uma escola particular, teve um relacionamento com Fio, mas ao final termina namorando Jota. Ellen, Jota e Juca (outro estudante) criaram um projeto de programação para crianças carentes, que passa a ser realizado no colégio público, Cora Coralina; o projeto fica famoso, e Ellen acaba conseguindo uma bolsa de estudos no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Ela também parece ter se aproximado de sua mãe. Embora o *happy end* seja algo corrente nas telenovelas (GRIJÓ; SOUSA, 2012), a representação da mulher negra inteligente, afetuosa e que, assim como demais personagens, é “digna” de bons relacionamentos, não é.

As poucas aparições de Nena nos últimos capítulos demonstram que seu enredo principal (ausente com a família por causa do trabalho) é desenvolvido e ela consegue ganhar uma camada importante: um relacionamento amoroso, que mostra a relevância de se ter mulheres negras em relações para além de seu trabalho e família. Nena termina a telenovela namorando Flávio, um advogado negro. Isso também aponta uma diferença para as outras telenovelas da Rede Globo e a própria *Malhação*, já que, como aponta Grijó e Sousa (2012), a maior parte das tramas em que personagens negros terminam em um relacionamento amoroso é com personagens brancos (como o caso de Ellen e Jota).

A história de Das Dores, por sua vez, parece não ter se modificado muito, analisando apenas esse recorte de episódios. Nos últimos capítulos, ela aparece, em determinado momento, repassando uma fornada de coxinhas para um entregador, o que indica que seu trabalho ganhou características mais profissionais. Ela também aparece dando suporte emocional para Tina (namorada de Anderson) e sendo carinhosa com Ellen, demonstrando seu orgulho quando a neta aparece na televisão em uma reportagem sobre o projeto de programação.

### **Eixo 3 Verificação: esses sentidos se configuram como estereótipos?**

A história de Ellen revela que ela não é apresentada como *a mulata*, pois sua narrativa não tem como objetivo satisfazer os desejos sexuais de outras pessoas (dentro da trama e fora dela). Suas roupas condizem com a idade da personagem, assim como suas falas e cenas. Para além disso, ela não tem como profissão o trabalho doméstico e

---

nem a tarefa de cuidar de outros, o que traria uma característica próxima para as noções de *empregada doméstica* e da *mãe preta*.

Nena, por sua vez, apesar de não estar dentro da noção de *mulata*, visto que não é caracterizada apenas como um ser sexual e também não ter como profissão o trabalho doméstico, está em uma área profissional ligada ao cuidado. A diferença é que ela trabalha em um hospital e não em casa de família, e sua atenção é dedicada aos pacientes. Há uma atualização do ambiente de trabalho, mas o paradoxo entre a atenção que ela dispensa aos seus pacientes lembra a relação da mãe preta. Ou seja, como ponto negativo, nos primeiros capítulos, Nena é representada reiteradamente como ausente, priorizando o trabalho, o que revela os sentidos de que ela pode não ter relacionamentos para além do trabalho e da família. Esse enredo é, entretanto, revisto ao final quando Nena engata em um namoro com outro personagem e suas principais cenas acontecem fora do hospital. Não entendemos que Nena carrega a representação da *mãe preta*, mas o grande foco em sua ausência para priorizar o trabalho, no começo dos capítulos, é negativo.

As cenas analisadas sobre Das Dores não a caracterizam como em nenhuma das representações estereotipadas que apresentamos aqui, entretanto, a partir de uma fala de Ellen, descobrimos que Das Dores trabalhou como faxineira durante boa parte da vida adulta. Assim, entendemos que, mesmo não tendo nenhuma cena em que Das Dores trabalhou como doméstica, sua narrativa foi construída a partir disso. Vemos, então, que, mesmo como uma atualização, ela ainda é uma mulher negra que possui o trabalho doméstico como parte marcante de sua vida.

### **Considerações finais**

A partir do referencial teórico apresentado e da análise de *Malhação: Viva a diferença*, buscamos responder a pergunta: *como as representações são constituídas e resignificadas a partir da prática comunicativa?* Nossa primeira resposta aponta que as representações são constituídas através de um modelo praxiológico da comunicação, que tem como base fundamental a interação entre sujeitos. Nossa segunda questão, referente a resignificação das representações, foi respondida ao entendermos que as representações são atualizadas a partir da interação e que a mídia possui caráter fundamental nessa fase. As noções de *mulata*, *empregada doméstica* e *mãe preta*,

apresentadas por Gonzalez (1984), são, portanto, uma ressignificação das representações que, por fixarem um grupo social em algo, são chamadas de estereótipos.

Após conseguir responder nossas duas perguntas iniciais, nos deparamos com mais uma questão: *se os estereótipos são ressignificados a partir da comunicação?* Em nossa análise de três personagens negras de *Malhação: Viva a diferença*, e à luz das noções de *mulata*, *empregada doméstica* e *mãe preta*, apresentada por Gonzalez (1984), entendemos que os estereótipos foram ressignificados, a partir da construção do enredo da telenovela. Ellen, mesmo sendo uma adolescente negra da periferia, não teve como enredo uma gravidez, uma profissão subalterna, e nem foi hiperssexualizada. Nena, apesar de atuar na área do cuidado, não preteriu sua família pelos filhos de seus empregadores e teve um desenvolvimento na sua história. E Das Dores, mesmo tendo sido faxineira, não apareceu exercendo essa profissão em nenhum momento nas cenas analisadas.

A partir disso, percebemos que os estereótipos não são uma construção final das representações, eles podem ser ressignificados. Entretanto, isso só acontece quando os círculos das representações negativas são quebrados. A mídia, então, tem uma participação fundamental, já que, ao criar novos sentidos sobre as histórias das mulheres negras, cria um novo círculo de interação com os telespectadores, que criarão novos sentidos sobre essas representações que, não mais estereotipadas, trarão um novo olhar sobre as mulheres negras.

## Referências

FRANÇA, V. R. V.. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V. F. (Org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Editora Idéias&Letras, 2004, p. 13-26.

FRANÇA, V. R. V. . Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, A.C.; NASCIMENTO, G.; RONSINI, V.M.. (Org.). **Comunicação e Interações**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, v. 1, p. 71-91.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.

---

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, n. 11, p. 185-204, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2OvIgej>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

HALL, Stuart. Representação, sentido e linguagem. In: HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016

MEMÓRIA GLOBO. **Malhação (1995-1996)**: formato. Disponível em: <<https://glo.bo/2v2Lwpe>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

POGREBINSCHI, T. A matriz filosófica do pragmatismo. In: \_\_\_\_\_. **Pragmatismo. Teoria social e política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 23-72.

QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico a um modelo praxiológico da comunicação. In: FRANÇA, V.R.V.; SIMÕES, P.G. (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

RATTS, A.; RIOS, F. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SIMÕES, P. G.; FRANÇA, V. R. V. Telenovelas, telespectadores e representações do amor. **Eco-Pós**, UFRJ, v. 10, p. 48-69, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2K7TBhr>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

SIMÕES, P. G. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. **E-compós**, Brasília, v. 13, n. 1, jan./abr, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2LPUVue>>. Acesso em: 15 mai. 2018.